

O fim da curva de queda

No discurso feito em Altamira, no Pará, segunda-feira, o presidente Fernando Henrique acabou revelando o mote de sua campanha à reeleição: "Quem acabou com a inflação vai também acabar com o desemprego."

Assim como em 1994, FHC apareceu como o pai do Real, como o homem que acabou com o mais cruel dos impostos – a inflação – e agora ele vai insistir na tática do combate ao desemprego.

Essa escolha, naturalmente, não foi feita ao acaso. Ela toca em ponto fraco do governo FHC, pois foi exatamente o aumento do desemprego que abalou o favoritismo do candidato Fernando Henrique. (Quando em abril o desemprego superou a marca dos 8% da população economicamente ativa, as pesquisas começaram a mostrar a queda de Fernando Henrique). E a partir dessa avaliação negativa do governo, por causa do desemprego, outras críticas foram aos poucos colando no candidato tucano – até chegar a avaliação popular de que o governo não se preocupa com os problemas do cidadão comum.

"Esse é o mote da campanha e é um excelente slogan", disse o senador Antônio Carlos Magalhães, elogiando o discurso de FHC em Altamira – sobretudo o tom mais agressivo – e o novo rumo da campanha.

Faltando 110 dias para as eleições, pelo cenário de hoje só há uma certeza: a de que a disputa será mesmo resolvida no segundo turno, em 26 de outubro.

Hoje, os dois primeiros candidatos perseguem desafios específicos: o de Fernando Henrique é mostrar que não é apenas capaz de controlar a inflação (o que fez com o Real em 1994), mas que também se preocupa com a qualidade de vida das pessoas, com os problemas do cidadão comum – como desemprego, habitação, saúde, educação.

Já o desafio do petista Luiz Inácio Lula da Silva está em direção exatamente oposta: é o de mostrar que mesmo com sua turma – também Leonel Brizola – tem pos-

sibilidade de comandar um programa econômico que não destrua de vez o processo de estabilização da moeda. Lula passa ao eleitor, conforme as pesquisas, enorme preocupação com os problemas do brasileiro comum. Mas, ao mesmo tempo, certa incapacidade de ter um programa econômico. Essa avaliação se cristaliza ainda mais com as seguidas declarações contra a privatização feitas por seu candidato a vice, Leonel Brizola.

As pesquisas, para os governistas, indicam o fim da curva de queda de Fernando Henrique – o que é alentador. A retomada do crescimento do candidato FHC viria, segundo esse raciocínio, a partir dos erros cometidos pelo principal adversário – Lula.

Para os governistas, a hora, agora, é de evitar erros passados, inclusive os de comunicação do

governo, e olhar para o adversário. A expectativa é a de que Lula perca pontos quando da elaboração de seu programa de governo: tentando agradar um maior número de eleitores, acabe descaracterizando-se.

Uma coisa está ficando muito clara esta semana: os erros estão ficando muito mais frequentes na trincheira da oposição. O discurso de Brizola contra a privatização e a necessidade que teve o PT de desautorizá-lo evidencia que a aliança foi de conveniência e muito difícil será ter um programa comum – que una o PT, que tenta ser arejado, adotando teses novas, com o PDT, que continua na linha nacionalista (?) de Leonel Brizola.

De qualquer sorte, as oscilações nas pesquisas já produziram resultados nos dois campos. No governista, reduzindo a prepotência dos que já contavam com a vitória antecipadamente e, por isso mesmo, não se davam ao trabalho de prestar contas à população. No governo FHC, poucos são os que acham que devem satisfações à população. Por outro lado, uma oposição forte e articulada com chances de chegar ao poder sempre faz muito bem ao governo.



■ Cristiana Lôbo é jornalista

As pesquisas mostraram que o governo deve evitar os erros passados e olhar para o adversário